

JUSTINE MARIE NOELIE GINESTE

## **A CIDADE COMO SISTEMA DE MEMÓRIA**

**Estudo da relação entre espaço urbano e memória a partir das crônicas do livro *O Meu Lugar***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Política e Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Robert Moses Pechman

Rio De Janeiro

2016



JUSTINE MARIE NOELIE GINESTE

## **A CIDADE COMO SISTEMA DE MEMÓRIA**

**Estudo da relação entre espaço urbano e memória a partir das crônicas do livro *O Meu Lugar***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Planejamento e Uso do Solo Urbano do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Robert Moses Pechman

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – UFRJ

*À minha família,  
À minha Avó Mémé que enche minha memória de suas pequenas e grandes histórias.*

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer ao meu orientador, Robert Moses Pechman, por seus conselhos valiosos para o desenvolvimento desse estudo.

Aos professores do IPPUR para a qualidade das aulas e dos debates nos quais eu participei durante esse ano de especialização e aos funcionários do IPPUR, principalmente Ana Cristina por sua recepção calorosa dentro do Instituto.

Aos meus colegas de turma com quem eu acabo de passar um ano muito agradável e enriquecedor e aos que se tornaram grandes amigos.

Quero agradecer particularmente ao Gabriel por me ter feito descobrir, com muita paixão, o tema da memória social e por sua confiança e seu apoio constante.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a cidade enquanto sistema de memória, analisando os elos entre o espaço urbano e as lembranças. Abordar o urbano a partir da memória representa um modo de estudar o espaço vivido, que reveste sentidos sociais e simbólicos, e ir além da história oficial. A partir da literatura existente, busca-se mostrar como o espaço e a memória se constituem um a partir do outro e condicionam a permanência dos grupos sociais. A pesquisa analisa a dialética entre memória e espaço urbano a partir de quatro crônicas sobre bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro provindo do mesmo livro *O Meu Lugar* (SIMAS, MOUTINHO, 2015). A partir dessas narrativas, observa-se como a memória da cidade está impregnada dos elementos do cotidiano que narram a história dos seus habitantes. Os espaços onde a memória vem se fixar tornam-se lugares, mais densos em afeto e lembranças do que seu entorno. A relação entre memória e espaço pode ser observada em diferentes escalas: a casa, a rua, o bairro, por exemplo. Através da memória, pode-se vislumbrar também as transformações do espaço urbano. A memória da cidade é portanto uma questão para o planejamento urbano. É preciso entender quais são os efeitos das transformações rápidas das cidades sobre a memória social dos seus habitantes.

**Palavras-chave:** Memória. Memória social. Memória da cidade. Espaço. Lugar. Território. Sistema construído. Narrativa. Crônica. Rio de Janeiro. Vila Isabel. Praça da Bandeira. Tijuca. Méier.

## RÉSUMÉ

Ce travail prétend analyser la ville en tant que système de mémoire en étudiant les liens entre l'espace urbain et les souvenirs. Cette approche de l'urbain à partir de la mémoire est une manière d'étudier l'espace vécu et ses sens sociaux et symboliques et de dépasser l'histoire officielle des villes. A partir de la littérature existante, l'étude cherche à montrer comment espace et mémoire se constituent l'un à partir de l'autre, ce qui conditionne la permanence des groupes sociaux. Cette recherche analyse la dialectique entre mémoire et espace urbain à partir de quatre chroniques sur des quartiers de la Zone Nord de Rio de Janeiro, toutes issues du livre *O Meu Lugar* (SIMAS, MOUTINHO, 2015). À travers ces narratives, il est observé comment la mémoire de la ville est imprégnée des éléments du quotidien qui content l'histoire de ses habitants. Les espaces où la mémoire vient se fixer deviennent des lieux, qui concentrent davantage d'affects et de souvenirs. Cette relation entre mémoire et espace peut être observée à différentes échelles: la maison, la rue, le quartier, par exemple. On peut également entrevoir, à travers la mémoire, les transformations de l'espace urbain. La mémoire de la ville est pour cela un enjeu pour l'aménagement et la planification urbaine. Il est nécessaire de comprendre les effets des transformations rapides des villes sur la mémoire sociale de leurs habitants.

**Mots-clés:** Mémoire. Mémoire sociale. Mémoire de la ville. Espace. Lieu. Territoire. Système construit. Narrative. Chronique. Rio de Janeiro. Vila Isabel. Praça da Bandeira. Tijuca. Méier.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2. A CIDADE COMO SISTEMA DE MEMÓRIA</b> .....	12
<b>2.1. A inscrição dos grupos sociais no espaço da cidade</b> .....	12
<b>2.2. A inscrição socioespacial da memória na cidade</b> .....	14
2.2.1. Os “quadros sociais da memória” (HALBWACHS, 1952).....	14
2.2.2. A cidade modelada pela memória .....	15
2.2.3. A memória se apoia nas pedras da cidade .....	16
2.2.3.1. O exemplo dos Bororos .....	16
2.2.3.2. A permanência do grupo através do espaço .....	17
2.2.3.3. Memória e evolução da cidade.....	19
<b>3. ESTUDO DE CASO: A MEMÓRIA DA CIDADE NAS CRÔNICAS DO LIVRO O MEU LUGAR</b> .....	22
<b>3.1. O papel da crônica na memória do Rio de Janeiro</b> .....	22
3.1.1. A memória como narrativa .....	22
3.1.2. Crônica e memória .....	24
<b>3.2. As memórias da cidade do Rio de Janeiro nas crônicas do livro O Meu Lugar</b> .....	26
3.2.1. Apresentação do livro e das crônicas escolhidas .....	26
3.2.1.1. Escolha do livro O Meu lugar .....	26
3.2.1.2. As crônicas escolhidas .....	27
3.2.2. O Meu Lugar .....	28
3.2.2.1. Espaço, lugar e memória .....	28
3.2.2.2. Entre memória individual e memória coletiva .....	31
3.2.3. O espaço, suporte para a rememoração .....	32
3.2.3.1. Os tempos da memória da cidade .....	32
3.2.3.2. As escalas da relação entre memória e espaço .....	33
3.2.4. Memória da cidade e afetos .....	36
3.2.4.1. O som, o cheiro e o sabor da cidade .....	36
3.2.4.2. Uma “geografia fantástica” (MELLO, VOGEL, 1985) .....	37
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42
<b>ANEXOS</b> .....	44



## 1. INTRODUÇÃO

No último volume da obra de Marcel PROUST *A Busca do Tempo Perdido*, titulado o *Tempo Redescoberto*, o narrador, também protagonista, descreve como ele recupera seu tempo vivido por meio da sensação física que, entre outras coisas, o irregular calçamento sob seus passos lhe proporciona. O narrador é invadido por um sentimento de felicidade ao pisar sobre a pavimentação irregular do batistério de São Marcos em Veneza, que lhe lembra o Pátio dos Guermantes, lugar de desenrolar do romance. Através dessa sensação tátil, de um som, de um perfume,

“[...] logo se libera a essência permanente das coisas, ordinariamente escondida, e nosso verdadeiro eu, que parecia morto, por vezes havia muito, desperta, anima-se ao receber o celeste alimento que lhe trazem. Um minuto livre da ordem do tempo recriou em nós, para o podermos sentir, o homem livre da ordem do tempo.” (PROUST, 1989, pp. 153-154)

Esta pesquisa pretende investigar o aspecto mnemônico da cidade tal como apreendida na sua dimensão socioespacial. Utilizaremos a expressão “memória da cidade”, mais precisamente em um sentido duplo. Primeiro, do mesmo modo que o protagonista de Proust recupera o tempo vivido a partir do calçamento irregular sobre o qual ele pisou mais jovem, buscamos entender como nossas lembranças se apoiam nas pedras da cidade (HALBWACHS, 2001). Qual é o papel desempenhado pelo espaço urbano na memória dos sujeitos e dos grupos sociais? Como nossa memória pode ser sustentada pela materialidade dos “sistemas construídos” (MELLO, VOGEL, 1985)? Segundo, a “memória da cidade” pode ser analisada como a memória que os sujeitos e grupos sociais têm sobre a cidade. Além disso, podemos nos perguntar de qual maneira o espaço urbano é ou não modelado por nossa memória.

O propósito dessa pesquisa se inscreve em um objetivo mais geral de estudar as cidades enquanto sistemas de relações e de práticas, nas quais o espaço reveste também um sentido social e simbólico, além do seu aspecto físico. Escolhemos estudar o espaço urbano a partir da questão da memória porque “conhecer os arquivos que as pessoas constroem dos espaços urbanos existentes em suas

realidades de vida, possibilita conhecer de que maneira esta cidade existe, simbolicamente” (DUARTE, UGLIONE, 2011, p.1).

Abordamos o conceito de memória principalmente a partir das definições desenvolvidas pelo filósofo Henri BERGSON (1965) e pelo sociólogo Maurice HALBWACHS (2001). O primeiro salientou como a memória é um processo que envolve tanto o passado como o presente. Nossas lembranças do passado são elaboradas no presente e são portanto modeladas pelo agora. É a partir da memória que as pessoas se relacionam consigo mesmas e com o mundo que as cercam. Maurice HALBWACHS buscou demonstrar como a memória é sempre inscrita dentro de quadros sociais e amarrada a uma memória coletiva. A memória é social.

A cidade é um sistema em permanente transformação. Abordá-la a partir da memória é um caminho para definir a identidade dos seus diferentes bairros, reconstituindo a história dos seus espaços e da sua apropriação pelos sujeitos e grupos sociais. Pensar a cidade a partir da memória é também um modo de ir além da história oficial, dando lugar a vivências e afetos dos seus habitantes a partir de suas narrativas.

- Metodologia

O tempo da memória é um tempo vivido, descontínuo, ao contrário do tempo da História. Por isso, escolhemos analisar narrativas para estudar o vínculo entre memória e espaço urbano. Com efeito, a narrativa é uma forma privilegiada de transmissão da experiência dos sujeitos e grupos sociais.

O nosso projeto inicial era o de analisar narrativas de idosos, através de produções audiovisuais e de entrevistas. Como apontado por Ecléa BOSI (ibid.), a função social dos idosos em nossa sociedade é a de lembrar, fazer uma ponte entre o presente e o passado. A autora salienta como os depoimentos orais são uma maneira particularmente interessantes para a pesquisa em memória social por eles saírem da unilateralidade para a qual tendem certas instituições e fazerem intervir pontos de vista distintos (BOSI, 2004). Também é uma maneira de recolher a experiência vivida dos que compartilharam a mesma época e ir além das informações factuais e de um tempo unilinear. Para a pesquisadora, os recordadores

vão abrindo na sua evocação mapas afetivos da sua experiência, da experiência do seu grupo social ou por exemplo, da sua cidade (no seu caso, São Paulo das primeiras décadas do século XX).

Porém, pelo prazo definido para esse estudo, acabamos optando por não recolher esses depoimentos orais. Como lembra Ecléa BOSI (ibid.), isso necessita um envolvimento do pesquisador com o recordador na duração, que o prazo desse estudo não permitia cumprir.

Optamos portanto analisar outro tipo de narrativas, as narrativas de crônicas literárias. Nossa escolha se explica pelo fato de que esse gênero literário é principalmente dedicado à escritura de memórias urbanas, isso desde a Idade Média como apontado por Ecléa BOSI (ibid.). Esse gênero se caracteriza por valorizar um tempo vivido e descontínuo, bem como por misturar a descrição de fatos à subjetividade e à vivência do seu autor.

Escolhemos investigar os elos entre cidade e memória a partir de quatro crônicas oriundas de um mesmo livro, *O Meu Lugar*, organizado por Luiz Antônio SIMAS e Marcelo MOUTINHO. Cada crônica desse livro recém-publicado (2015) narra um bairro de Rio de Janeiro a partir das memórias de um autor. O intuito do livro, como explicado no prefácio por seus dois organizadores, é traçar um mapa afetivo da cidade de Rio de Janeiro através da memória dos seus bairros.

Antes de realizar um estudo de caso a partir das crônicas do livro *O Meu Lugar*, parte na qual buscaremos também justificar de maneira mais detalhada essa escolha e o papel do gênero literário da crônica na memória da cidade, pretendemos analisar em um primeiro capítulo como as cidades podem ser apreendidas como sistemas de memória, referindo-se à literatura existente sobre o tema.

## 2. A CIDADE COMO SISTEMA DE MEMÓRIA

No artigo *Sistemas Construídos e Memória Social: Uma Arqueologia Urbana?*, os antropólogos Marco Antonio da Silva MELLO e Arno VOGEL apresentam as cidades como “verdadeiros sistemas de memória” (1984, p.50). Para os pesquisadores, as cidades são arquivos em permanente atualização dos modos de viver, mas também produtoras de novos modos de viver (ibid.). Esta parte pretende analisar, a partir da literatura existente, como a cidade se constitui como sistema de memória.

Primeiro, ao estudar os vínculos entre o espaço físico e o espaço social da cidade. Como os grupos sociais se inscrevem e interagem no espaço da cidade? Qual é o papel do espaço urbano nos processos de representação e de construção das identidades e nas interações sociais?

Segundo, ao analisar a inscrição socioespacial da memória na cidade. Baseando-se na definição da memória de HALBWACHS (1952; 2001), buscamos investigar como a cidade carrega a memória coletiva, mas é também suporte para a rememoração. Qual é a função dessa dialética espaço / memória para os sujeitos e os grupos sociais? Qual é o papel da memória frente às transformações da cidade?

### 2.1. A inscrição dos grupos sociais no espaço da cidade

A cidade, por ser um lugar de representação e expressão dos grupos sociais, pode ser considerada como um *theatrum* da sociedade (MELLO; VOGEL, 1984). Já no início do século XX, os autores da Escola de Chicago mostraram como o espaço não é um dado neutro e inerte, simples suporte material do cotidiano e das interações sociais. Os sistemas de relações sociais fundam também uma lógica operativa e simbólica ao espaço urbano (ibid.).

MELLO e VOGEL propõem investigar o urbano a partir de uma leitura chamada de “arqueologia urbana” ao estudar a correlação entre as formas urbanas e os modos de vida a elas associado. Os autores frisam como o espaço construído, material, deve também ser considerado como um elemento constitutivo das identidades culturais. Ele tem um papel ativo na difusão dos modos de vida vigente, dando lugar ao desempenho das rotinas e à produção dos acontecimentos (ibid.).

No seu ensaio *A Memória Coletiva*, Maurice HALBWACHS (2001) salienta a importância da inscrição dos grupos sociais no espaço e busca analisar o papel da memória nessa relação. Certos grupos se formam e se confortam devido em parte à proximidade espacial dos seus membros. É o caso da vizinhança, por exemplo. A proximidade espacial é uma condição essencial à existência desses grupos, porém não suficiente. O bairro como realidade socioespacial, por exemplo, não é uma simples justaposição de indivíduos em um espaço restrito. O autor lembra que a maioria dos grupos sociais tendem cada vez mais a distinguir os homens do espaço, ao seguir regras que não parecem ter vínculo com as configurações do espaço. Porém, HALBWACHS mostra como a descrição dessas formações coletivas dificilmente se libera de toda imagem espacial. Por exemplo, mesmo as relações econômicas, que parecem cada vez mais desmaterializadas nas grandes cidades, não podem se abstrair totalmente do espaço. O serviço é realizado ou consumido em um lugar específico, o que dá até valor a esse bem, segundo o autor. Por fim, o autor lembra como a repartição espacial das classes sociais marca a paisagem das cidades (ibid.).

HALBWACHS (1952) concebeu uma definição topográfica do grupo social na cidade e analisou elos entre a questão da identidade coletiva e a apropriação local do passado. A multiplicidade do social a partir do qual ele pensa a memória enraíza-se na observação do meio urbano. A memória é fundamental para entender como os indivíduos e os grupos se situam nos seus espaços de vida e como se ligam a eles na cidade contemporânea (UGLIONE, 2008).

Com a aceleração da vida urbana, o aumento da mobilidade e de novas tecnologias de comunicação, a memória desempenha, segundo JODELET (2002 apud UGLIONE, 2008), o papel fundamental na criação de laços sociais e no

estabelecimento de relações simbólicas nos espaços urbanos.

## **2.2. A inscrição socioespacial da memória na cidade**

### **2.2.1. Os “quadros sociais da memória” (HALBWACHS, 1952)**

Devemos a Henri BERGSON, com o ensaio “Matéria e Memória”, uma definição da memória que evidencia as relações entre a conservação do passado e sua articulação com o presente (BERGSON, 1959 apud BOSI, 2004). Segundo o filósofo, é a memória que permite a relação do corpo presente com o passado. Ao impregnar as percepções e representações dos indivíduos, ela desempenha uma função decisiva na existência dos sujeitos (ibid.).

Para BERGSON, a memória corresponde à conservação que o espírito faz de si mesmo. O passado se conserva na memória de duas principais maneiras. De um lado, BERGSON identifica a memória pura, que opera no sonho e na poesia e é situada no reino do espírito livre, e do outro lado, a memória hábito que é a memória dos mecanismos motores. Esta tem o papel de levar o sujeito a reproduzir comportamentos que já deram certo (ibid.).

A memória sobre a qual BERGSON reflete é puramente individual. Maurice HALBWACHS, com os ensaios “Os quadros sociais da memória” e “A memória coletiva” (originalmente publicados em 1925 e 1950) relativiza essa definição ao amarrar a memória do sujeito à memória do grupo e a memória do grupo à memória de cada sociedade (BOSI, 2005).

Na concepção de HALBWACHS, não é possível falar de memória puramente individual mesmo quando o sujeito parece estar o único envolvido nos acontecimentos que ele se rememora. Ele recorda como membro de um ou mais grupos (da família, dos amigos, do trabalho, da vizinhança, por exemplo) (FIGUEIREDO, 2013). Portanto, para HALBWACHS, cada memória individual é um ponto de vista sobre uma memória coletiva. Esse ponto de vista pode evoluir em função da relação do sujeito ao grupo, da sua abertura a outros depoimentos. No

grupo, coexistem os elementos da lembrança e da rejeição ao que será lembrado, já que devem ser considerados, na memória, tanto a lembrança como o esquecimento (BOSI, 2005).

A memória coletiva é uma representação sobre o passado a partir do presente compartilhada por membros do mesmo grupo. Ela é uma memória viva, à diferença da memória histórica que tende a esquematizar as lembranças. A memória histórica começa justamente quando a memória coletiva tende a se apagar na consciência do grupo.

### 2.2.2. A cidade modelada pela memória

No artigo *Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo*, Paola BERENSTEIN JACQUES (2009) lembra que os habitantes das cidades atualizam os projetos urbanos e o próprio urbanismo através da sua prática, vivência e experiência cotidiana dos espaços urbanos. Por ser um espaço imaginado e vivenciado e transformado pelos homens, a memória não seria produtora de espaço, participando também da sua manutenção e sobrevivência?

HALBWACHS, ao dar o exemplo do espaço doméstico, mostra como o ambiente material guarda a nossa marca e a dos outros. A arrumação da casa, dos móveis, a disposição dos objetos “em grande medida se explicam pelos laços que sempre nos ligam a um número enorme de sociedades sensíveis e invisíveis” (1990 apud FIGUEIREDO, 2013, p.33). Ele transpõe essa análise ao caso do ambiente urbano, salientando como os grupos sociais imprimem suas marcas na cidade e evocam suas lembranças coletivas dentro do quadro espacial assim definido (ibid.).

Para PIVETEAU (1995), o espaço suscita o projeto concreto uma vez que os sujeitos e grupos sociais se apropriam dele. Ele seria portanto uma espécie de “memória do futuro”. O espaço e a memória se constituem um a partir do outro. A materialidade do primeiro cristaliza a imaterialidade do segundo. Do mesmo modo, o grupo que transformou o espaço à sua imagem volta a ser visível e modelado por

ele (ibid.).

### 2.2.3. A memória se apoia nas pedras da cidade (HALBWACHS, 2001)

Se a cidade carrega a memória coletiva, ela é também suporte para a rememoração através dos seus elementos constitutivos que provocam recordações.

A memória contribui para que os homens transformem o espaço em um território, quer dizer um espaço ordenado e apropriado, um espaço no qual os indivíduos e os grupos sociais deixam suas marcas, um espaço arranjado por eles. Para se situarem, os seus ocupantes podem achar nele as referências localizadas, designadas e instituídas como tais. O território define o sentido que os homens inscreveram nele e que eles podem recordar através do seu arranjo espacial (KNAEBEL, 1997). Portanto, ele contribui à construção e à manutenção da identidade.

#### 2.2.3.1. O exemplo dos Bororos

Claude LEVI-STRAUSS descreve, no seu livro *Tristes Trópicos* (1955), a organização socioespacial do povo Bororó a partir de sua experiência etnográfica na aldeia de Keraja, no Mato Grosso, em 1936. Ele mostra como a estrutura social dessa sociedade se dá a ler na sua organização espacial e o plano das suas aldeias. Na aldeia de Keraja, as casas eram dispostas em um plano círculo. Um eixo dividia a aldeia em duas metades, que correspondiam a duas fraternias diferentes, elas mesmas divididas em clãs. O centro era ocupado pela casa dos homens, lugar de convivência e de trabalho da sociedade masculina, tendo o papel de reunir os homens das duas fraternias. Ao chegar das missões salesianas na região, o plano da aldeia Bororó tradicional foi desencorajado em prol de um plano europeu.

“La distribution circulaire des huttes autour de la maison des hommes est d’une telle importance en ce qui concerne la vie sociale et la pratique du culte, que les missionnaires salésiens de la région du Rio-das-Graças ont vite appris que le plus sûr moyen de convertir les Bororo consiste à leur faire



abandonner leur village pour un autre où les maisons sont disposées en rangées parallèles. Désorientés par rapport aux points cardinaux, privés du plan qui fournit un argument à leur savoir, les indigènes perdent rapidement le sens des traditions, comme si leurs systèmes social et religieux [...] étaient trop compliqués pour se passer du schéma rendu patent par le plan du village et dont leurs gestes quotidiens rafraîchissent perpétuellement les contours.” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p.250-251)

No exemplo dado por LÉVI-STRAUSS, a concepção do mundo, da sua origem, do lugar da sociedade nesse mundo e no tempo, da hierarquia social, está inscrita no plano espacial e explicitada por ele (KNAEBEL, 1997, p.28). A mudança na configuração espacial da aldeia contribuiu fortemente ao desenraizamento dos Bororós. A perda do território (enquanto espaço arranjado pelo grupo e portador de sentido), da estabilidade espacial, significa portanto a perda das suas referências, da sua memória e a alteração da sua identidade.

Para HALBWACHS (2001), é nas cidades menores que podemos observar as tradições locais mais estáveis, que o grupo urbano aparece como um corpo social que reproduz, nas suas divisões e estrutura, as configurações materiais da cidade onde ele vive.

### 2.2.3.2. A permanência do grupo através do espaço

- A memória e os objetos

HALBWACHS (2001) descreve como nosso contato diário com os objetos materiais – que mudam pouco – nos oferece uma imagem de permanência e de estabilidade. Esse meio material carrega nossa marca e a dos outros. Nossa casa, nossos móveis, o seu arranjo nos lembram as pessoas que convivem com nós nesse quadro, família e amigos. Os objetos, enfim, participam da constituição da nossa identidade. Para o autor, esse arranjo dos objetos não reflete apenas o que vai nos distinguir dos outros. A cultura e os gostos aparentes na escolha e a disposição desses objetos explicam-se por nossos vínculos com os grupos sociais nos quais fazemos parte (ibid.).

Os filósofos existencialistas como HEIDEGGER salientam como o sujeito existencial necessita estar junto às coisas familiares, seus pertences para sentir a

permanência das coisas e sentir-se em um habitar no qual se desenvolver (HEIDEGGER, 2002 apud UGLIONE, 2008). Paula UGLIONE (ibid.) lembra como esse pensamento teve um impacto importante nas sociedades ocidentais depois das Guerras Mundiais do século 20, inserindo a questão da memória no debate sobre as maneiras de (re)construir e habitar a cidade, através da reflexão sobre sujeitos desenraizados e angustiados pela destruição e a perda das suas origens.

Ecléa BOSI (2005) mostra como o apego a certas coisas, a certos objetos biográficos aparecem constantemente nas narrativas dos idosos – nascidos no entorno do início do século XX – que ela entrevista. Eles aparecem como um suporte à sua memória e os seus afetos. A arrumação da casa representa uma tentativa de criar um mundo acolhedor frente a uma cidade (nesse caso, São Paulo) que exhibe uma fase mais estranha e adversa para os idosos entrevistados que pelo passado (BOSI, 2004). A autora divide os objetos que possuímos em duas categorias, os objetos biográficos (ou relíquias de família) e os de status (ou objetos de consumo). Os primeiros representam uma experiência vivida ao contrário dos segundos, mais protocolares. BOSI (2005) salienta como os objetos biográficos, penetrados de afeto, desempenham um papel muito importante na velhice. Ela observa que os idosos querem esses objetos imóveis por eles darem um assentimento da sua posição no mundo.

- Memória, espaço e sensação de permanência

Para HALBWACHS, as “pedras sobre pedras” que moldaram ao longo do tempo o habitat dos homens são o ponto de apoio da memória (UGLIONE, 2008). A memória reflete a relação entre passado, presente e futuro de cada usuário dos lugares (DUARTE et al., 2008). Por ser “uma realidade que dura”, associada à sua concretude, o espaço condiciona a materialização da memória e, portanto, a sua permanência (HALBWACHS, 1990 apud FIGUEIREDO, 2013). Permite ao sujeito se aperceber que uma parte dele continua estável. Segundo HALBWACHS, acontece um fenômeno de imobilização da vida e da consciência nas formas materiais, sociais e estéticas, o que seria uma das obras capitais da humanidade (BERDET, 2009):

“La route est dure sous mes pas, nettement tracée, consolidée de toutes parts elle est monotone, définie, stable et immobile au milieu de cette nature en perpétuel écoulement et les pierres juxtaposées forment avec elle

comme une structure arrêtée et durable qui persiste à toutes les formes de renouvellement. Telle est l'œuvre de l'homme: formes immobiles imposées pour quelque temps à la nature en mouvement. C'est la grande opposition de la technique et de la vie. On ne comprend rien qu'à condition d'être à la fois dans le mouvant et dans l'immobile. On passe d'un cadre à l'autre. Les cadres se brisent et se reforment." (HALBWACHS, 1997 apud BERDET, 2009, parágrafo 7).

A memória reforça os sentimentos de pertencimento dos sujeitos ao grupo. Ao definir os elementos comuns ao grupo e de distinção dos outros grupos, ela contribui a criar uma comunidade afetiva (UGLIONE, 2008). As imagens espaciais desempenham um papel decisivo nessa memória coletiva. Cada sociedade recorta o espaço à sua maneira no intuito de constituir um quadro estável no qual ela pode fixar e achar de novo suas lembranças. Ao se inscrever no quadro que ele construiu, o grupo se submete à influência da natureza material, o que contribui ao seu próprio equilíbrio segundo HALBWACHS (2001). Portanto, as pessoas encontram nos diferentes espaços da cidade os fragmentos de que necessitam para construir as suas próprias histórias individuais e coletivas. Apesar da atenção prestada aos elementos físicos da cidade por seus habitantes variar em grau, ainda seria em maior grandeza do que a prestada pelos mesmos sujeitos aos eventos nacionais extraordinários. Para Halbwachs, o desaparecimento dos elementos do cotidiano (uma rua, um prédio, por exemplo) poderia impactar muito seus habitantes que qualquer evento nacional. A população receberia os efeitos desses grandes eventos de maneira muito mais amortecida que certos pequenos eventos locais (ibid.).

### 2.2.3.3. Memória e evolução da cidade

- Os traços do passado

O passado deixou traços no espaço sobre o qual pisamos, que são geralmente reinterpretados em função do contexto (PIVETEAU, 1995). Nem sempre prestamos atenção a esses traços. Mas observando com mais atenção o espaço urbano, percebe-se que nossos costumes repousam sobre camadas mais antigas que aparecem em diversos cantos da cidade (HALBWACHS, 2001). Para HALBWACHS, podemos reparar muitos traços do passado mais nas ruas e na sua população do que nos lugares de memória oficiais (as placas comemorativas, por

exemplo) ou nos livros de história. A memória na cidade está portanto impregnada nos elementos do cotidiano que narram a história dos seus habitantes como as praças, as casas por exemplo. É uma memória não monumental (UGLIONE, 2008).

Milton SANTOS, analisando a relação entre espaço e tempo, descreve o espaço como uma acumulação desigual de tempo (SANTOS, 1991 apud FIGUEIREDO, 2013). O espaço “é formado por momentos passados que se foram estando agora cristalizados como objetos atuais, [...]”. Por isso o momento passado está morto como tempo e não como espaço” (SANTOS, 1991 apud FIGUEIREDO, p.32). Essa percepção do tempo acumulado em um mesmo espaço passa pelo trabalho de memória (FIGUEIREDO, 2013).

- Uma segurança emocional

Como vimos, os sujeitos e grupos sociais podem encontrar no espaço as condições para sua estabilidade. Nessa linha, Kevin LYNCH traz o tema da segurança emocional da cidade (LYNCH, 2007 apud UGLIONE, 2008). Para o autor, a forma da cidade deve facilitar o encontro com o que é familiar aos sujeitos. Os seus elementos devem servir como caminhos fixados pela memória que ela reativa no processo de reconhecimento da cidade (ibid.).

Paula UGLIONE (2008) dá o exemplo da favela Mata Machado, no Rio de Janeiro, para ilustrar a análise de LYNCH. Um estudo realizado por DUARTE (1994 apud UGLIONE, 2008), mostra como a arquitetura do local foi um quesito fundamental para a sensação de segurança e o enraizamento dos seus moradores. Além disso, a pesquisa mostrou como o espaço da favela foi o suporte para os seus moradores se reapropriarem seu passado de luta pela conquista do bairro – antiga fazenda de café – no início do século XX (ibid.). Os elementos da favela, como as vielas ou os becos, servem aos habitantes como modos de reconstruir constantemente seu passado: o local de uma árvore que serviu para esconder a construção de um dos primeiros barracos ou as margens do riacho que abrigavam as primeiras reuniões da Associação dos Moradores, por exemplo (ibid.).

- Aderência dos grupos ao espaço e resistência à transformações da cidade

Por bem que o espaço seja um suporte favorecendo a rememoração e a

estabilidade dos grupos sociais, ele pode ser sujeito a transformações, às vezes de grande porte e dentro de um prazo curto (no caso dos projetos de renovação urbana ou em caso de guerra, por exemplo). Na sua análise das relações entre memória, espaço e sociedade, HALBWACHS, que salienta a materialidade e a permanência do espaço, não esquece que essas mudanças rápidas e impactantes também afetam o espaço urbano. Ecléa BOSI (2005) lembra o caso do planejamento funcional que combate os recantos e os espaços julgados inúteis. Para a autora, essas mudanças abalam os vínculos afetivos que a disposição espacial possibilita e que persistem em nós como uma carência. Porém, a cidade conserva seus terrenos baldios e seus desvãos (ibid.).

HALBWACHS, existe um tempo que ultrapassa e envelopa os grupos na cidade. É o tempo inelutável da modernização, o tempo dos grandes eventos, das catástrofes, das demolições e das reconstruções, isto quer dizer o tempo da História (MAZELLA, 2013). Desse encontro entre o tempo histórico da modernidade e dos acidentes e o tempo imóvel das coisas imateriais nasce, segundo HALBWACHS, a resistência dos grupos e das suas práticas a essas forças de mudança do espaço urbano (ibid.). Ele dá o exemplo dos antigos comércios, que apesar de não se conformarem com os novos modos de consumo, permanecem na cidade, mesmo que isolados. Contudo, para que essa resistência se manifeste, ela tem que vir do grupo, que vai resistir a partir da memória coletiva e da força das suas tradições (HALBWACHS, 2001). Podemos falar, portanto, de uma “regressão infinita” dos processos de adaptação e de resistência dos grupos que torna a cidade o lugar de um processo permanente de reelaboração (MAZELLA, 2013).

### **3. ESTUDO DE CASO: A MEMÓRIA DA CIDADE NAS CRÔNICAS DO LIVRO *O MEU LUGAR***

Buscamos mostrar na primeira parte desse estudo e a partir da literatura existente como as cidades podem ser apreendidas como sistemas de memória (MELLO; VOGEL, 1985). Nesse segundo capítulo, pretendemos analisar como memória e espaço urbano se entrelaçam para fazer da cidade um sistema de memória, usando como estudo de caso quatro narrativas no formato de crônicas literárias sobre bairros do Rio de Janeiro.

Primeiro, pretendemos justificar nossa escolha de recorrer à análise de crônicas para investigar o vínculo entre espaço urbano e memória, realizando uma abordagem às seguintes questões: Qual seria o laço entre narrativa, crônica e memória? Qual seria o papel do gênero literário da crônica na memória da cidade, e mais especificamente na memória do Rio de Janeiro?

Em segundo lugar, analisamos quatro textos, todos provindos do mesmo livro de crônicas *O Meu Lugar* (MOUTINHO; SIMAS, 2015), que narra o Rio de Janeiro a partir dos seus diferentes bairros e sob a perspectiva de olhares diversos.

#### **3.1. O papel da crônica na memória do Rio de Janeiro**

##### **3.1.1. A memória como narrativa**

A narrativa é uma forma privilegiada de transmissão da experiência dos sujeitos e grupos sociais. Neiva VIEIRA DA CUNHA, ao analisar a memória coletiva dos Mata-Mosquitos (funcionários sanitaristas) dos anos 30, lembra como o momento de transmitir ou relatar o que foi vivido corresponde também a um momento de elaboração da própria experiência. Para a autora, é através da

narrativa que a experiência toma sua forma definitiva (CUNHA, 2005). Podemos fazer o paralelo com a definição de memória que é uma lembrança do passado a partir da nossa vivência no presente.

VIEIRA DA CUNHA define a narrativa como a arte de contar histórias, “uma forma particular de refletir sobre acontecimentos vividos em busca do seu significado” (ibid., p.16). Com efeito, a origem etimológica da palavra “narrar” vem do latim *narrare*, que significa “contar”, mas também do radical *gná*, que significa “saber”, “conhecer”. Portanto, a narrativa é “a elaboração de um conhecimento que emerge da ação, isto é, um conhecimento experiencial” (TURNER, 1980 apud VIEIRA DA CUNHA, p.16).

A narrativa remete à tradição oral. Para que a experiência vivida possa se transformar em saber através da narrativa, precisa de uma comunidade de ouvintes. A narrativa não toma a forma de uma simples autobiografia vide a importância dada à dimensão social das experiências transmitidas. Podemos interpretar as narrativas como relatos de uma prática social.

Por todos esses aspectos, a narrativa se apresenta como um dos principais modos de transmissão da memória, em que os sujeitos reconstroem o seu passado. Essa narrativa pode tomar a forma de depoimentos orais (memória oral) ou escrita. Vale salientar que a preocupação da narrativa não está na reconstrução de um passado fiel e perene, mas na recriação de um passado que carrega a subjetividade dos sujeitos que rememoram (DINIZ; BELFORD; RIBEIRO, 2012).

Ecléa BOSI (2005) salienta como assistimos a partir dos anos 1970 à contestação das grandes teorias da História que afastavam do seu campo os aspectos do cotidiano e os microcomportamentos. Esses aspectos, segundo a autora, são abrangidos pela tradição oral e também pelo que foi cunhado na Idade Média como “crônica”.

### 3.1.2. Crônica e memória

Derivada do grego *Khrónos* (tempo), a crônica é um gênero literário comprometido com a narração do tempo. Quando a crônica surgiu, na Idade Média, era então um relato, por ordem cronológica, de acontecimentos históricos. Era uma literatura histórica contada em linguagem popular, aproximada da canção de gesta medieval. Os cronistas narravam tanto epopeias lendárias heroicas como fatos do cotidiano. Ecléa BOSI (2005) ressalta que durante a Idade Média existia um gênero literário que narrava os episódios pitorescos das comunas medievais, a chamada “crônica urbana”.

A crônica literária surgiu a partir do folhetim na França e mais tarde, nos jornais, revistas e seus suplementos. O gênero tomou características próprias no Brasil. No século XVI, a crônica começou a tomar uma perspectiva mais individual ou interpretativa do que cronologista.

Podemos identificar dois principais tipos de crônica. O primeiro tipo é narrativo e dá valor à contação do cotidiano. O segundo tipo, a forma mais moderna do gênero, é dissertativo, com um intuito mais jornalístico. No quadro dessa pesquisa, é a primeira forma de crônica que nos interessa e que vamos analisar.

Margarida de SOUZA NEVES, no artigo “História da crônica, crônica da história” (1995), salienta como os cronistas têm em comum o desejo de, através seus textos, “condensar na letra o tempo vivido”(p.17). A crônica moderna, que deixa de narrar o fato de maneira cronológica, abre espaço ao “olhar subjetivo, à busca do significado do efêmero e do fragmentário” (ibid.). O cronista seria então o “historiador das coisas miúdas” como escrevia Machado de Assis (ibid.). A crônica é portanto um gênero híbrido e maleável onde se misturam o fato e a subjetividade do sujeito que testemunha do seu tempo, a preocupação pelo real e a crítica. BOSI salienta que a crônica, relegada como gênero de menor importância, trabalha com o aspecto descontínuo dos eventos (BOSI, 2005), com o tempo vivido (NEVES, 1995). Para NEVES (ibid.), a crônica constrói a memória, desenhando diversas identidades, de geração, de gênero, de grupos sociais ou identidades espaciais, por exemplo.



Por todos esses aspectos, a crônica representa uma modalidade de transmissão da memória social viva, quer dizer uma memória que não esquematiza as lembranças ou enquadra elas dentro de um tempo rígido e supostamente objetivo.

- Crônica e memória do Rio de Janeiro

A crônica é um gênero literário que contribuiu particularmente à difusão de memórias do Rio de Janeiro, como mostram os diferentes autores do livro “Cronistas do Rio” organizado por Beatriz RESENDE (1995). Para a autora, o Rio de Janeiro é “a cidade da crônica”. No Brasil, foi no Rio de Janeiro que este gênero nasceu, cresceu e se fixou.

Vale ressaltar que a crônica transmite uma memória tipicamente urbana. A memória da cidade seria a tarefa mais eminente da crônica, à diferença da memória histórica que teria como principal recorte a memória nacional. Nos textos, são narrados os elementos do cotidiano da cidade. No caso do Rio de Janeiro, constata-se a recorrência da presença dos bondes, dos botecos, da Lapa e outros espaços da cartografia da boêmia carioca, por exemplo, nos textos dos mais famosos cronistas, como Olavo Bilac, Lima Barreto ou Machado de Assis (NEVES, 1995). Para Beatriz RESENDE, o estilo mesmo da crônica faz até que esta se torne “um registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, *a cidade feita letra*” (PORTELLA, 1985 apud RESENDE, 1995. Grifos da autora).

NEVES compara as crônicas a “lugares de memória” por narrar esses elementos cotidianos da cidade. Usando a definição de “lugar de memória” de Pierre NORA, a autora mostra como a crônica se constitui em suporte físico da memória nos três sentidos propostos pelo historiador, “material, funcional e simbólico, onde a memória constantemente se constrói e se reconstrói” (NEVES, 1995, p.27).

Nas décadas de 1920 e 1930, o gênero se consolida e desempenha um papel importante na busca de uma identidade nacional e na narração da história do Brasil. O Rio de Janeiro, então fervilhante capital do país, torna-se o principal e quase único foco das crônicas da época. Os cronistas testemunham o processo de modernização iniciado pelo Estado e seus impactos sobre a cidade. Como explicado por Beatriz

RESENDE (1995), das grandes transformações urbanas impostas pelo Estado (a demolição do Morro do Castelo, dos cortiços, a construção da Avenida Central, o aterro da praia, os despejos de favelas, por exemplo) até as mudanças de pequena escala que afetam também o cotidiano dos cariocas (uma árvore ameaçada de ser derrubada, uma livraria cedendo lugar a um novo prédio, por exemplo), esses fatos provocam imediatamente a escritura de uma crônica. RESENDE lembra que as crônicas desempenham também um papel fundamental na constituição de uma memória das favelas do Rio de Janeiro, sendo as primeiras descrições desses espaços. Segundo a autora, o cronista tem então a “tutela da coisa pública, a guarda do espaço da cidade” (RESENDE, 1995, p.52).

## **3.2. As memórias da cidade do Rio de Janeiro nas crônicas do livro O Meu lugar**

### **3.2.1. Apresentação do livro e das crônicas escolhidas**

#### **3.2.1.1. Escolha do livro O Meu Lugar**

O livro *Meu Lugar*, organizado por Luiz Antônio SIMAS e Marcelo MOUTINHO, foi escolhido como suporte para nossa análise por ser uma coletânea de crônicas sobre o Rio de Janeiro. Publicado recentemente (2015), o livro se apresenta sob a forma de pequenos textos escritos por 34 autores – escritores e cronistas já consagrados como mais novos – narrando suas lembranças e afetos sobre 34 bairros do Rio de Janeiro. A composição do livro traça um itinerário que começa no Centro, onde a estátua de Joaquim Nabuco ganha vida e sai flinando nas ruas (crônica de Mariel REIS) e termina na Ilha do Governador, no terreno de uma velha moradora que esnoba a especulação imobiliária (crônica de Cecília GIANNETTI) e conduz o leitor pelos quatro cantos do Rio, da Grande Tijuca à Baixada Fluminense, de Padre Miguel à Copacabana.

O livro foi lançado como uma forma de homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. Os dois organizadores decidiram reunir crônicas por ser justamente “um

gênero essencialmente carioca” (entrevista no Globo do 16/10/2015). No prefácio, SIMAS e MOUTINHO afirmam que o intuito do livro é de ir além do tempo cronológico, o que é uma característica da memória salientada por HALBWACHS. Os dois organizadores apresentam o livro como uma tentativa de “descortinar uma cidade que não cabe no mapa” (2015, p.7), propondo um mapa afetivo da cidade.

Portanto, escolhemos esse livro pela valorização dada à vivência cotidiana da cidade e dos seus bairros, como traduzido pela expressão que compõe o nome do livro, O Meu Lugar.

### 3.2.1.2. As crônicas escolhidas

Escolhemos 4 crônicas no livro O Meu Lugar. Estes quatro textos têm em comum serem narrativas sobre a Zona Norte do Rio de Janeiro com os bairros de Vila Isabel (crônica escrita por Aldir BLANC), da Praça da Bandeira (por Eduardo GOLDENBERG), da Tijuca (por José TRAJANO) e por fim, do Méier (por Moacyr LUZ). Oscilando entre 3 e 6 páginas, essas quatro crônicas narram lembranças dos seus autores, antigos ou ainda atuais moradores desses bairros, da época da infância, da adolescência ou memórias mais recentes.

A crônica de Aldir BLANC, chamada *Na rua, até hoje...* narra o período da sua infância durante o qual o autor morou em Vila Isabel e a importância que teve esse período para a criança de então e o adulto de hoje. Aldir BLANC, além de se destacar com um grande nome da música brasileira como compositor e letrista, é também conhecido por suas crônicas que ele iniciou no folhetim Pasquim nos anos 1970, que narram sobretudo o cotidiano na Zona Norte da cidade. Uma grande parte das suas crônicas se referem à sua infância em Vila Isabel, que marcou o autor, como é o caso do texto estudado.

A segunda crônica, cujo nome é *Rua do Matoso, um Portal* foi redigida por Eduardo GOLDENBERG, morador da Tijuca de sempre e autor do livro *Meu lar é o botequim* que homenageia os bairros da Tijuca e de Vila Isabel. Nesse texto, o cronista descreve o seu caminho na rua do Matoso, que começa na Praça da Bandeira até a rua Barão de Itapagipe na Tijuca. Ao descrever esse itinerário, o

autor mistura suas observações atuais e suas lembranças do passado.

A terceira crônica, intitulada *A rua mais doce da cidade*, narra a vida da rua Afonso Pena pelos olhos do cronista José TRAJANO, jornalista e autor de romances. Podemos ler uma descrição do bairro da juventude do autor que chama todos os seus sentidos para desenhar seu mapa afetivo do bairro e contar mais da história da Tijuca e de seus ilustres personagens.

Por fim, a crônica *Você sabe, eu sou do Méier* narra como o compositor e sambista, Moacyr LUZ, chegou a morar no Méier depois de um acontecimento em sua família e como esse bairro se tornou fundamental na vida do cronista, levando-o a se tornar o músico que ele é hoje.

### 3.2.2. O Meu Lugar

#### 3.2.2.1. Espaço, lugar e memória

Não é uma coincidência se essa coletânea de crônicas se intitula O Meu Lugar, nome do samba popularizado por Arlindo Cruz no qual este canta toda sua afeição ao bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, e narra os pequenos elementos do cotidiano que fazem a identidade desse bairro. Para os dois organizadores do livro, essa “expressão traduz à perfeição a essência das crônicas que integram o livro (...). Cada cronista escreveu sobre o ‘seu lugar’, aquele espaço com o qual mantém uma relação de profunda intimidade” (MOUTINHO, SIMAS, 2015, p.7).

Podemos entender o conceito de lugar como um espaço ocupado, vivenciado, onde se fixa a memória, onde ela é compartilhada e onde podemos revivê-la (FIGUEIREDO, 2013). A ideia de lugar se funda a partir da interação entre o espaço construído e a memória. É nesse processo durante o qual o espaço se torna lugar que os objetos materiais desempenham a função de âncora e estímulo das lembranças (ibid.). Para o geógrafo TUAN (1993 apud FIGUEIREDO, 2013), é a partir da nossa experiência do espaço, à medida que o conhecemos e que o atribuímos valor, que um espaço se transforma em lugar. “Quando um espaço nos é

inteiramente familiar, torna-se lugar” (ibid., p.34). Adquirimos *afeição* a um lugar à medida da nossa vivência nele, mas segundo o geógrafo, o lugar se vincula também ao tempo de duas outras maneiras. Primeiro, ele representaria uma *pausa na corrente temporal de um movimento*. Segundo, ele tornaria o *tempo visível* ao permitir as lembranças dos tempos passados.

Podemos observar esses três modos de ligação entre lugar e tempo na crônica de Aldir BLANC sobre Vila Isabel. Aldir BLANC criança chegou no bairro de Vila Isabel aos 4 anos depois de ter morado no Estácio, bairro do qual ela guarda uma péssima lembrança (tanto da rua como da sua habitação). Ele voltará nesse primeiro bairro aos 11 anos. O período de sete anos passado na Rua dos Artistas, em Vila Isabel, parece ser o tempo que enquadra a infância do autor.

“Eu nasci na chamada rua da Pedreira (Santos Rodrigues), no Estácio, num apartamentinho escuro. A rua, na época, não tinha saída, Era muito pobre, com vários terrenos baldios. Estou só dando uma ideia do cenário. Aí, com quase 4 anos, finalzinho da década de 1940, houve a mudança – e botem *mudança* nisso! - para a Rua dos Artistas, em Vila Isabel.” (BLANC, p.20).

“Aos 11 anos, como uma punhalada, me devolveram ao Estácio, pra Rua Maia Lacerda, transversal daquela em que nasci. Um antro. A infância acabou – ou quase. É inacreditável a falta de respeito dos adultos com o que pertence às crianças.”(p. 22).

A mudança no bairro de Vila Isabel é mais que geográfica. Ela é uma mudança de vida, o início da sua vida como criança, que poderá brincar em casa, no seu quintal, na rua; infância que acaba com seu retorno no Estácio. Esse intervalo precioso de sete anos pode ser analisado como uma pausa na corrente temporal, tal como conceitua o geógrafo TUAN. Essa nova casa e o bairro foram o cenário para toda uma ideia de felicidade que Aldir BLANC firmou em sua memória e que ele repassou posteriormente para os seus textos e letras de canção (VIANNA, 2013). Esse espaço se tornou familiar, e portanto, tornou-se lugar, o lugar das memórias da sua infância.

Ecléa BOSI (2004), ao se referir à psicologia da *Gestalt*, ressalta que a característica do “lugar nosso” é que ele é mais denso em afeto e lembranças do que seu entorno. Podemos observar esse destaque nas primeiras linhas da crônica de Eduardo GOLDENBERG sobre a rua do Matoso, na Praça da Bandeira. Entrar nessa rua é aceitar passar por um portal espaço-temporal que faz dela um lugar

radicalmente diferente do resto da cidade:

“A rua do Matoso, caudalosa, que começa na Praça da Bandeira e vai desaguar na Rua Barão de Itapagipe, é um verdadeiro portal capaz de transportar o sujeito que se dispõe a explorá-la para um tempo que não existe, para o anti-tempo, para a ausência de pressa, de compromisso, de contato mais amíúde com a realidade que nos assola nesses dias em que as 24 horas parecem não nos bastar.” (p. 28)

A rua do Matoso narrada pelo cronista traduz o “anti-tempo” porque ela não cabe no ritmo apressado da cidade. Talvez seja porque ela guardou, na memória do autor, os traços de um tempo menos submetido à velocidade atual do mundo urbano.

Para Ecléa BOSI (op.cit.), o lugar permite o reencontro do caminho familiar, se ele ainda existe. Podemos observar isso na crônica de José TRAJANO sobre o bairro tijucano de Afonso Pena. O cronista escreve:

“Para tanto peço licença à imprensa falada, escrita e televisada para o passeio que farei pela encantadora rua da minha infância: a Afonso Pena. Uma paisagem tijuicana da cabeça aos pés, ou melhor, da Haddock Lobo à Mariz e Barros, as enormes transversais da acolhedora via.

Com um andar arrastado de quem não tem pressa, você vai em oito minutos de uma ponta a outra da rua. E nos mais ou menos 850 passos que se leva ao fazer o trajeto, minha história vai junto. Bem devagar.” (p. 31)

O autor associa o percurso da sua vida ao itinerário, familiar para ele, da rua Afonso Pena, acolhedora rua da sua infância para a qual ele se mudou sessenta anos antes com sua família. Descreve ao longo do seu passeio a arquitetura, os botecos, os acontecimentos que o marcaram na sua vida nesse bairro.

Moacyr LUZ titula a sua crônica *Você sabe, eu sou do Méier* em referência à canção do mesmo nome de João NOGUEIRA. O bairro de Méier, tão querido aos dois sambistas, representa para o cronista a sua entrada progressiva no mundo do samba. Do mesmo modo que na crônica de José TRAJANO, ele associa a memória dos seus primeiros passos no Méier aos seus primeiros passos como sambista. A cada lembrança do futuro músico é apontado um lugar bem específico.

“Na primeira noite como ‘arrimo da família’, dormi no Méier e, dois dias depois, conheci o Hélio Delmiro, um dos maiores violonistas do mundo. [...] Lembro o dia da semana, terça-feira. Eduardo, um primo querido, iria à aula de violão. Fui junto para tentar esvoaçar da cabeça o silêncio ensurdecido de um velório. O destino dessa caminhada: Rua Barão de São Borja. No itinerário, a Travessa da Corrente. Seria uma vila se não houvesse saída. Ali morava a compositora Gilsa Nogueira. As casas, lindas, eram exemplares

da nossa maior arquitetura carioca, muros baixos, telhado escoando pro dois lados, e uma pequena varanda com uma cadeira antiga. Depois, saltando a Vilela Tavares, a mínima Rua Carijós que desaguava na paróquia Sagrado Coração de Jesus. À direita, Rua Barão de São Borja, e, no número 68, a casa da família Delmiro, Juca, Paulo, Maria Helena, Lucinha, Carlos e Hélio Delmiro. Carlos era o professor. Só de lembrar a dedicação em ensinar novos acordes, me dá vontade de chorar.” (p.46)

Ele vai associar também seu percurso físico no bairro ao que vai levá-lo a seu encontro com João NOGUEIRA, momento decisivo na sua carreira. À quase todas as frases das crônicas se associam um lugar e uma lembrança.

### 3.2.2.2. Entre memória individual e memória coletiva

Como vimos na primeira parte desse estudo, HALBWACHS (2001) buscou mostrar como a memória sempre se inscreve dentro de quadros sociais. Vale lembrar que, segundo o autor, a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Podemos perceber como, nas crônicas escolhidas, a memória dos quatro autores é ligada àquela de outros sujeitos e também, às vezes, a uma memória mais oficial, mais histórica dos bairros narrados.

Na crônica de Aldir BLANC, podemos observar como sua identificação tão forte com o bairro de Vila Isabel se inscreve em um quadro familiar e tem a ver com os seus avós portugueses.

“Os chatos insistem em afirmar que o bairro era Aldeia Campista, mas, como meu vô português botou um papel em meu bolso com o endereço, telefone e estava escrito que o bairro era Vila Isabel, foi, é e sempre será Vila Isabel. Os que discordarem podem, em fila organizada, ir à merda.” (p.20).

Ecléa BOSI (2005) aponta o papel fundamental dos idosos, dos avós por exemplo, na construção de nossas lembranças. A função social do velho seria a de lembrar, de ser o guardião da memória da família, do grupo e da sociedade. Para a pesquisadora, a criança recebe do passado, por parte dos idosos, uma história vivida.

BOSI ressalta também que cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história (ibid.). No caso da crônica de José TRAJANO sobre a Tijuca, observa-se como as lembranças da

vivência do cronista na rua Afonso Pena e seus arredadores se misturam com a história do bairro e diversas anedotas que marcaram seus espaços: os bondes que circulavam no bairro, o atropelamento por um desses bondes do jogador de futebol Danilo Alvim, a praça do antigo hipódromo no início do século XX, Tim Maia morando na Afonso Pena, os jogos do América, seu time preferido, e as festas na rua para celebrar as vitórias.

### 3.2.3. O espaço, suporte para a rememoração

#### 3.2.3.1. Os tempos da memória da cidade

A partir dos conceitos desenvolvidos por BERGSON e por HALBWACHS, buscamos mostrar na primeira parte desse estudo que a memória não é uma revivência do passado pelo pensamento, mas que ela é modelada por nossas experiências posteriores e presentes. A memória é “o futuro do passado”, segundo MERLEAU-PONTY (apud BOSI, 2004). Podemos observar como na crônica Rua do Matoso, um Portal, Eduardo GOLDENBERG mistura presente, passado e ficção nas suas lembranças, como mostra o uso irônico da palavra “panteão” para designar as figuras folclóricas da rua vistas pelo cronista; palavra que originalmente designa o conjunto de deuses devotados (referência à ficção) ou o mausoléu que abriga os restos mortais das pessoas notáveis de uma nação (referência ao passado):

“Descer a Rua do Matoso, e me perdoem se eu recorro ao poeta que mais me fala à alma, é ver de perto, ao vivo e a cores (embora desbotadas) os personagens do Rancho de Goiabada do panteão de Aldir Blanc: boias-frias, mulatas, pais-de-santos, paus-de-arara, passistas, flagelados, pingentes, balconistas, palhaços, marcianos, canibais, lírios pirados e faraós embalsamados. Todos estão ali, ancorados nas dezenas de balcões que infestam os dois lados da rua, em busca de espantar a tristeza, balcões que são os mais vagabundos (aos quais não resisto) e onde tantos iguais se reúnem contando mentiras pra poder suportar. Ai.”(p. 29)

Essa inclusão do passado nas descrições do presente como a influência do presente nas rememorações do passado são também perceptíveis na crônica de José TRAJANO sobre a Afonso Pena:



“Fico olhando então pela janela durante horas o vaivém do lugar por onde andei durante a juventude. Me vejo entre os estudantes que vão atrás de condução, alguns com o uniforme do Colégio São Bento igual ao que usava. A rua Afonso Pena era a passarela das normalistas, que seguiam a pé para o Instituto de Educação, e também dos meninos do Colégio Militar, do Pedro II e do Instituto Lafayette. Por lá ainda circulam alunos da Escola Técnica, do Francisco Cabrita e do Orsina da Fonseca, que fazem algazarra no ponto de ônibus da pracinha.”(p. 33)

O autor mistura os dois tempos de conjugação, passado e presente, até a confusão entre o que ele vê desde a sua janela e suas memórias de aluno.

### 3.2.3.. As escalas da relação entre memória e espaço

HALBWACHS mostra como a materialidade dos objetos e do espaço representam uma âncora e um apoio para nossa memória. Como ressalta Ecléa BOSI (2004), se o espaço é capaz de exprimir a nossa condição de ser no mundo, a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva. Podemos observar diferentes escalas dessa relação.

BOSI mostra como o primeiro espaço referente na memória dos que ela entrevistou é a casa de infância. Ela aparece como o centro geométrico do mundo a partir do qual cresce o resto da cidade para a criança. Isso é bem perceptível na crônica de Aldir BLANC, na qual o espaço dessa infância parece não transpor os limites da casa materna, de um pedaço de rua. A casa e o seu quintal se transformam em parque de diversão para o menino.

“Por mais que a amável leitora ou leitor se esforcem, acho que jamais conseguirão saber o que o menino sentiu quando, pela primeira vez, viu o quintal cheio de árvores: laranjeiras-da-terra, limoeiros, jaqueiras, mangueiras e, entre insignificantes goiabeiras vermelhas, a gigantesca, o que é incomum, goiabeira branca que se curvava até o chão para que eu subisse por seus galhos a um recanto especial, onde, recostado, lia Monteiro Lobato. E sol, sol, sol no céu remendado de pipas. O quintal também tinha uma parte cimentada para acirrados jogos de futebol em que eu, sempre chegado a ficar sozinho, enfrentava o Aldirzinho, um adversário faltoso e desleal.

(...) No quarto dos fundos, a estranha mesa hexagonal com centenas de lápis de cor, de cera, pincéis, tinteiros, vidros com penas, vários tipos de cadernos, carimbos, réguas, compassos e esquadros ainda de madeira, sem falar de uma tralha que eu não sabia como utilizar digna de um Harry Potter da Zona Norte. O destaque era meu imenso cavalo com rodinhas (bem maior que eu), o laboratório de química e o “cabaré”. Isso aí, ca-ba-ré.

Eu fechava a janela, trancava a porta, acendia um abajur velho e dançava um treco entre o tango e o vodu com as filhas das empregadas. Bom começo, né?”(p. 21-22).

Podemos observar a importância que representa a casa na memória do cronista. Ela é povoada de coisas preciosas que não têm preço. Essas coisas são penetradas de afeto. Nos olhos de Aldir BLANC criança e na memória do adulto, não são umas simples goiabeira, janela, porta ou abajur, mas um abrigo perto do céu, um laboratório de química, um cabaré.

A casa, o arranjo da mesa aos domingos e datas especiais, são também o suporte para a memória desses encontros que marcam a rotina de Aldir BLANC criança.

“Outro deslumbramento eram os almoços de domingo. Se fosse Páscoa, um dia santo especial, festas natalinas, armavam uma mesa de tábuas e cavaletes no quintal. Não raro eram 30, 40 pessoas mandando ver no garfo – e no copo, claro. Pra vocês terem uma pequena ideia, nas feijoadas, as laranjas ficavam em enormes bacias, as cervejas suavam em tinas de madeira e havia literalmente dezenas de cachaças e batidas. Rolava de tudo: porres, brigas conjugais, concurso de charadas, alguém carregando na pimenta e se cagando em pleno repasto” (p.21)

As ruas do bairro representam também nessas crônicas a memória das brincadeiras de crianças ou dos encontros adolescentes. O bairro acompanha o ritmo da vida dos seus moradores. Suas histórias se misturam. No caso da crônica de Moacyr LUZ, é o shopping, novidade na época, que faz surgir as lembranças de adolescente do cronista.

“O Méier tinha o orgulho de ter o primeiro shopping da América do Sul. Nem Copacabana. O complexo abrigava extintas marcas como Sears, Lobras e Casa Tavares. No térreo, a novidade: Bob's. Ainda não era proibido soltar balões, por isso aos sábados, no mesmo piso da lanchonete, se reuniam baloeiros e suas fotos reveladas custando o preço de uma viagem ao céu. Nos fundos, uma enorme pista de autoroma e glamorosa, no último andar, a boate Gargalo, Os dentes ficavam arroxeados com a luz negra do salão, pivôs de uma juventude desdentada.” (p.46)

Com essas crônicas, percebemos que os bairros não têm apenas uma fisionomia, mas também uma biografia, uma infância, uma juventude e uma velhice (BOSI, 2004). Através da memória, podemos vislumbrar as transformações do espaço urbano. Eduardo GOLDENBERG, em Rua do Matoso, um Portal, testemunha o desaparecimento dos lugares lendários do seu bairro,

“Há na rua do Matoso, o espectro do Cine Madrid, do Divino, bar que viu nascer a Jovem Guarda e aquela esquina, com a Haddock Lobo, onde toda a confusão começou – é o que grita, até hoje, a voz poderosa de Tim Maia, que ainda ecoa por ali para os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir.” (p.30)

e Moacyr LUZ, as aventuras do cinema de Méier,

“O cinema virou casa de shows, depois igreja de religião evangélica e, milagrosamente, ressuscitou como Centro Cultural João Nogueira. Outro dia cantei por lá 'Albatrozes' em homenagem ao padrinho do palco e o coração disparou de tanta saudade.” (p. 49)

José Trajano descreve a substituição das vilas tradicionais da Afonso Pena por prédios e do encarecimento das que sobram,

“Quando falo da Afonso Pena, que leva o nome do sexto presidente da República, um advogado mineiro que morreu antes de terminar o mandato em 1909, não esqueço das ruas paralelas e pequenas transversais com as casas quase sempre de dois andares, varandas no estilo *art déco* e com os prédios no máximo de três pisos. Havia ainda pequenas vilas. Todas charmosas. Com o tempo, várias foram abaixo e deram lugar a prédios de oito andares. As vilas resistem e são disputadas a tapa por quem deseja um lugar tranquilo para morar.” (p. 32)

Para BOSI (2004), o bairro é uma totalidade estruturada que nos traz um sentimento de identidade. Moacyr LUZ associa, na sua crônica sobre o Méier, as ruas do seu cotidiano às etapas que marcam sua vida como criança, jovem ou adulto e narra a dificuldade de se mudar do bairro que foi o palco desses pequenos mais importantes acontecimentos:

“Minha primeira apresentação foi no terraço do prédio da Constança Barbosa. Minha primeira namorada foi na Rua Borja Reis. A segunda morava na Carolina Santos. Meu primeiro baile, Mackenzie. O primeiro cigarro, o primeiro porre, acho até que a primeira mentira aconteceu no Meier. No dia que subi a Hermengarda, kombi à frete, dois violões e poucas roupas mudando pro Grajaú, entendi a solidão” (p.49)

Ao ler essas linhas, podemos nos referir à análise dos lugares de memória feita pelo historiador Pierre NORA para quem “os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (1997 apud UGLIONE, 2008, p. 140). Desse ponto de vista, não são os lugares emblemáticos (lugares históricos, oficiais ou monumentais) que têm o potencial de fazer a memória trabalhar (UGLIONE, 2008). A Moacyr LUZ, são as árvores e os paralelepípedos de uma certa rua do Méier que servem de lugar de recolhimento.

“Quando preciso, recorro as últimas árvores da Venceslau, subo a Rua Oliveira dos desgarrados paralelepípedos, procuro os velhos amigos,

Fernando, o Mauro da Vila, os irmãos Kiko e Afonso, referências e inspirações. Quase uma regressão.” (p. 49)

Nas crônicas, podemos observar que os lugares que facilitam esse trabalho de memória dos autores são principalmente pequenos lugares, simples e animados, como bares, botecos, lojinhas, cinemas. Com eles, poderíamos desenhar o mapa afetivo da cidade de cada cronista.

### 3.2.4. Memória da cidade e afetos

#### 3.2.4.1. O som, o cheiro e o sabor da cidade

As pedras da cidade sustentam a memória, mas, além desses apoios, existe também a paisagem sonora típica de um lugar e de uma época, como apontado por Ecléa BOSI (2004). A cidade possui um mapa sonoro compartilhado por seus habitantes e que os permite, segundo a autora, alcançar equilíbrio e segurança ao decodificar sons familiares. Portanto, as lembranças dos sujeitos são povoados de som, como a pesquisadora analisa a partir das entrevistas realizadas. Ela dá o exemplo dos pregões dos ambulantes na rua, mas também da substituição dos bondes na cidade de São Paulo pelos ônibus, troca lembrada por certos idosos a partir do desaparecimento do som do primeiro meio de transporte.

Nas quatro crônicas analisadas, podemos observar como a memória, além de se apoiar nos objetos, no espaço material e no som, alimenta-se de nossos outros sentidos como o cheiro ou os sabores da cidade. A crônica de José TRAJANO se chama “A rua mais doce da cidade”, por exemplo, porque existia uma fábrica de chocolate no bairro até os anos 70, que deixava um cheiro adocicado na rua. Esse cheiro é tão presente na memória do cronista e tão associado a um lugar preciso que:

“(…) pra quem foi criado ali, como o autor desta crônica tijuca, basta passar em frente ao Salete, quase esquina com Mariz e Barros, para sentir o cheiro das deliciosas tortas e doces, que eram confeccionadas na famosa Confeitaria Gerbô, de propriedade de uma família húngara. A inesquecível fábrica de chocolate da Afonso Pena. A rua mais doce de que se tem

notícia!" (p.36)

Mas a memória da cidade passa também pela lembrança de certas comidas, certos sabores, que os cronistas associam indubitavelmente a certos lugares, o que podemos observar nas quatro crônicas. Para Aldir BLANC, são os almoços familiares em casa. Para José TRAJANO, são as comidas dos vendedores de rua e as servidas nos botecos mais tradicionais do bairro, bem como para Eduardo GOLDENBERG e Moacyr LUZ. Os restaurantes, bares e botecos tomam um lugar importante na memória do bairro desses três últimos cronistas.

“Do requintado Rei do Bacalhau e seus bolinhos e vinhos em caneca na esquina da Dias da Cruz com a Amagari, você seguia a mesma calçada pra encontrar uma das entradas do Só na Brasa. Do balcão, de incontáveis metros, o sujeito acompanhava o ponto da sua carne. Acho que ainda não haviam descoberto a picanha, muito menos esses novos cortes importados, anchos e t-bones graúdos. A alcatra era servida com molho e farofa ou sanduíche. Até hoje não encontrei nada parecido.” (LUZ, p.48)

### 3.2.3.2. Uma “geografia fantástica” (MELLO, VOGEL, 1985)

MELLO e VOGEL (1985), no artigo sobre sistemas construídos e memória social, descrevem como depois de demolições no Catumbi (Rio de Janeiro), habitantes do bairro conseguiam apontar sobre o novo asfalto a disposição dos quartos de casas destruídas. Onde seus interlocutores viam pistas de asfalto, terrenos baldios e escombros, os habitantes faziam reaparecer, através de suas memórias, portas, janelas, quartos, corredores, quintais. Os dois pesquisadores chamaram de “*geografia fantástica do Catumbi*” essa forma de exercer a memória que toma como objeto a própria materialidade do espaço urbano, restabelecendo continuidades em lugares que foram totalmente alterados (ibid.).

Podemos observar essa “geografia fantástica” de Vila Isabel na crônica de Aldir BLANC. No seu caso, o que o leva a “brincar de Vila Isabel” não é a demolição de sua casa, mas sim a mudança forçada para um bairro diferente.

“Para sobreviver à esmagadora tristeza, eu ‘brincava de Vila Isabel’. Lia os capa-e-espada fingindo que estava na goiabeira branca. (...) Acho que a necessidade de brincar com a mente me levou a escrever letras de música. (...) O que um garoto de 12, 13 anos faz com maconheiros de 25, além de PMs, mecânicos e motoristas de caminhão de porre? Sonha com a infância

dilacerada. Reconstrói a Vila, as árvores, as chuvaradas com barquinhos de papel jogados da janela. Nesses torós, o quintal enchia tanto que apareciam peixinhos entre as árvores. Não me perguntem como.”(p.22)

A afeição à Vila Isabel é tão grande para a criança que ele busca transpor, através da sua memória e em outro espaço, “Vila Isabel”, isto é, tudo o que está associado a esse lugar, recriando na sua imaginação os preciosos objetos do seu antigo cotidiano.

## 4. CONCLUSÃO

O intuito desse estudo foi analisar a cidade enquanto sistema de memória, analisando os elos entre o espaço urbano e nossas lembranças. Abordar o urbano a partir da memória representava um modo de estudar o espaço vivido, que reveste sentidos sociais e simbólicos. Ao dar lugar às vivências e aos afetos dos habitantes da cidade, a temática da memória da cidade permite ir além da história oficial. Com efeito, vimos que a memória não é feita de um tempo contínuo e linear. Ecléa BOSI fala do “tempo vivo da memória”(2004).

Buscamos mostrar como a memória é fundamental para entender como os sujeitos e os grupos se situam nos seus espaços de vida e como se ligam a eles na cidade (HALBWACHS, 2001). O espaço e a memória se constituem um a partir do outro. A materialidade do primeiro cristaliza a imaterialidade do segundo. Para HALBWACHS (ibid.), por ser “uma realidade que dura”, associada à sua concretude, o espaço condiciona a materialização da memória e através dela a permanência do grupo. Cada sociedade recorta o espaço à sua maneira no intuito de constituir um quadro estável no qual ela pode fixar e achar de novo suas lembranças.

Através das quatro crônicas estudadas, pudemos ver como a memória, na cidade, está impregnada dos elementos do cotidiano que narram a história dos seus habitantes, tais como as casas, as vilas e os botecos. É uma memória não monumental. Esses espaços para os quais os quatro cronistas tem afeição se tornam lugares onde a memória vem se fixar, mais densos em afeto e lembranças do que seu entorno. Pudemos observar como esses lugares acompanham o itinerário pessoal dos quatro autores e portanto, têm um lugar fundamental nas suas lembranças.

Observamos também a partir dessas crônicas como a memória não é uma simples representação do passado que ficou guardada na mente, mas que ela é elaborada a partir do presente. Ela vai se modificando também com a evolução da cidade.

A partir da análise das crônicas, pudemos salientar como a materialidade dos

objetos e do espaço representam uma âncora para a memória, mas que o espaço físico não representa o único apoio das nossas lembranças. O som e os sabores da cidade representam também um importante apoio à memória.

Vimos também como a memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva (BOSI, 2004) e que essa relação pode ser observada em diferentes escalas. A casa aparece como o primeiro espaço referente da memória, as ruas da vizinhança como o espaço das brincadeiras da infância e dos encontros adolescentes e o bairro como uma totalidade estruturante que traz um sentimento de identidade aos seus habitantes e ex habitantes.

Com essas crônicas, percebemos que os bairros não têm apenas uma fisionomia, mas também uma biografia, uma infância, uma juventude e uma velhice (BOSI, 2004). Através da memória, podemos vislumbrar as transformações do espaço urbano.

Nesse sentido, consideramos que a abordagem da cidade como sistema de memória é uma questão para o planejamento urbano. Com efeito, vimos através da obra de Maurice HALBWACHS (2001) que a materialidade e a estabilidade do espaço são o suporte da memória e trazem uma sensação de permanência aos sujeitos e grupos sociais. Entretanto, as cidades – enquanto sistemas construídos e de relações – constituem unidades em tensão e em processo. São arquivos em permanente processo de atualização (MELLO, VOGEL, 1985). Além disso, a cidade pode sofrer de transformações rápidas e impactantes.

Ecléa BOSI (2005) aponta como o ritmo da cidade atual tende a desagregar nossa memória. Ela e Marilena CHAUI no prefácio de *Lembranças e Sociedade, Memória de Velhos* apontam como a sociedade capitalista tende a destruir os suportes materiais da memória (ibid.).

Primeiro, pelos numerosos deslocamentos impostos aos sujeitos que não o permitem se enraizar tanto em um dado lugar ou em uma dada comunidade. Para Ecléa BOSI (ibid.), perdemos a crônica da família e da cidade, gerando um desenraizamento desagregador da memória.

Segundo, a autora salienta como os ritmos temporais foram subjugados pela sociedade industrial que dobrou o tempo a seu ritmo e racionalizou as horas de vida.



O tempo da mercadoria teria marginalizado, portanto, outros tempos como o da amizade, o familiar ou o religioso (ibid.).

Terceiro, Ecléa BOSI aponta o urbanismo funcionalista (mas podemos também pensar nas ondas de renovação que marcaram as grandes cidades até hoje) como desagregador da função mnemônica da cidade ao combater os recantos da cidade e que tende a destruir paisagens de uma vida inteira (ibid.).

Apesar de existir uma resistência dos grupos sociais às transformações do espaço, como ressaltado por HALBWACHS (1985), BOSI mostra como esse ritmo da cidade contemporânea tende a dispersar “as vozes das testemunhas” e a substituir a memória viva e oral pela história oficial.

Tomar em conta a memória – estruturadora das identidades individuais e coletivas – não deve ser, portanto, confundido com a implementação de lugares de memória comemorativos. Como apontado por Pierre NORA, “os lugares de memória não são aqueles dos quais nos lembramos, mas lá onde a memória trabalha” (1997 apud UGLIONE, 2008, p. 140). Desse ponto de vista, não são os lugares emblemáticos (lugares históricos, oficiais ou monumentais) que têm o potencial de fazer a memória trabalhar (UGLIONE, 2008).

A partir desses últimos apontamentos, propomos duas pistas de reflexão como caminho eventual a esse estudo.

A primeira seria estudar a evolução da memória social de um bairro em atual transformação para investigar, por um lado, a questão da resistência dos grupos a essas mudanças apontada por HALBWACHS (2001), e por outro lado, a questão da desagregação da memória ressaltada por BOSI (2005).

A segunda pista que propomos é investigar as políticas de memória implementadas (ou não) nesses bairros em transformação, partindo tanto do comentário feito por Ecléa BOSI de que a memória viva tende a ser substituída pela história oficial quanto da definição de Pierre NORA sobre o que é um lugar de memória.

## REFERÊNCIAS

BERDET, Marc. Benjamin sociographe de la mémoire collective?. **Temporalités** , n.3/2005, jul. 2009. Disponível em: <<http://temporalites.revues.org/410>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

BERGSON, Henri. **Matière et Mémoire**, Essai sur la relation du Corps à l'Esprit. Paris: Les Presses universitaires de France, 72. ed.,1965. 282 p.

BERENSTEIN JACQUES, Paula. Corpografias urbanas: a memória da cidade no corpo. In: PIMENTA VELLOSO, Monica; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia de (org.). **Corpo**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 129-139.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**, lembranças de velhos.13.a edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 484 p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**, ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê editorial, 2004. 150 p.

CUNHA, Neiva Vieira. **Viagem, Experiência e Memória**: Narrativas de Profissionais da Saúde Pública dos anos 30. Bauru, SP: Edusc, 2005. 330p.

DINIZ, Edson; BELFORT, Marcelo Castro; RIBEIRO, Paula. **Memória e Identidade dos Moradores de Nova Holanda**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012. 168 p.

DUARTE, Cristina; UGLIONE, PAULA. Arquivos Urbanos: Memória e História na Cidade. **Quaderns de Psicologia**, vol.13, n.1, 2011. p. 91-101.

FIGUEIREDO, Márcia Câmara Bandeira de. **Memórias e lugar**: representações de memórias individuais sociais associadas ao Largo da Carioca. 2013. 131f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective** (1950). Quebec: Edição eletrônica Les Classiques des Sciences Sociales, UQAC, 2001. 105 p. Disponível em: [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)

HALBWACHS, Maurice. **Les cadres sociaux de la mémoire** (1925). Paris: Les Presses universitaires de France: Nouvelle édition, 1952. 299 p.

KNAEBEL, Georges. **Désordre, sens et espace**: Un programme de recherche. Institut d'Urbanisme de Paris, Paris,1997. 201 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes tropiques**. Paris: Plon Terres Humaines, 1955.

MAZELLA, Sylvie. La ville-mémoire: Quelques usages de *La Mémoire collective* de Maurice Halbwachs. **Enquête**, n.4 | 1996, jul. 2013. Disponível em: <<http://enquete.revues.org/883>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. Sistemas Construídos e Memória Social: Uma Arqueologia Urbana?. **Revista de Arqueologia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, v.2, n.2, 1984. p. 46-50.

NEVES, Margarida de Souza. História da Crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995. p. 15-31.

PIVETEAU, Jean-Luc. Le territoire est-il un lieu de mémoire?. **Espace géographique**, v.24, n.2, p.113-123, 1995. Disponível em : <[http://www.persee.fr/doc/spgeo\\_0046-2497\\_1995\\_num\\_24\\_2\\_3364](http://www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1995_num_24_2_3364)>. Acesso em: 20 out. 2015.

RESENDE, Beatriz. Rio de Janeiro, Cidade da Crônica. In: RESENDE, BEATRIZ (org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995. p. 33-55.

SIMAS, Luiz Antonio; MOUTINHO, Marcelo. **O Meu Lugar**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2015. 144 p.

UGLIONE, Paula. **Arquivo Mnemônico, Memória e História da Cidade**. 2008. 168f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

VIANNA, Luiz Fernando. **Aldir Blanc**: Resposta ao Tempo – Vida e Letras. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. 308 p.

## **ANEXOS**

Anexo 1: pôster da capa do livro *O Meu Lugar* – Mórula Editorial



## Anexo 2: pôsteres dos quatro bairros narrados – Mórula Editorial

**★ vila ISABEL**

“ Por mais que a amável leitora ou leitor se esforcem, acho que jamais conseguirão saber o que o menino sentiu quando, pela primeira vez, viu o quintal cheio de árvores: laranjeiras-da-terra, limoeiros, jaqueiras, mangueiras e, entre insignificantes goiabeiras vermelhas, a gigantesca, o que é incomum, goiabeira branca que se curvava até o chão para que eu subisse por seus galhos a um recanto especial, onde, recostado, lia Monteiro Lobato. ” **ALDIR BLANC**

**mórula EDITORIAL ★★★★★★★★**

“ A Rua do Matoso é como a veia femoral, cuja oclusão pode ameaçar a vida. E a vida, ali, naquela verdadeira avenida que praticamente margeia a Tijuca, que faz fronteira com o Estácio e com o Rio Comprido e cujos meandros e linhas limitrofes só um nativo reconhece, minha aldeia pulsa pujante, vivíssima, alheia às modas, aos modismos, às regras que ditam comportamentos. ” **EDU GOLDENBERG**

**PRAÇA DA BANDEIRA**

**mórula EDITORIAL ★★★★★★★★**

**TIJUCA**

“ A Tijuca é uma tremenda barafunda. Comeu parte do Estácio, do Maracanã, da Praça da Bandeira, da Vila Isabel, do Andaraí, engoliu a Aldeia Campista e anda dando mordidas no Grajaú. E há séculos deixou de ser Engenho Velho! Mas que ela é do cacete, isso é! ”

**JOSÉ TRAJANO**

**mórula EDITORIAL ★★★★★★★★**

**MÉIER**

“ Minha primeira apresentação foi no terraço do prédio da Constança Barbosa. Minha primeira namorada foi na rua Borja Reis. A segunda morava na Carolina Santos. Meu primeiro baile, Mackenzie. O primeiro cigarro, o primeiro porre, acho até que a primeira mentira aconteceu no Méier. ”

**MOACYR LUZ**

**mórula EDITORIAL ★★★★★★★★**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e  
Regional (IPPUR)**

**A CIDADE COMO SISTEMA DE MEMÓRIA**

**Estudo da relação entre espaço urbano e memória a  
partir das crônicas do livro *O Meu Lugar***

**JUSTINE MARIE NOELIE GINESTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao curso de Especialização em Política e  
Planejamento Urbano do Instituto de Pesquisa  
e Planejamento Urbano e Regional da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro –  
UFRJ, como parte dos requisitos necessários à  
obtenção do título de Especialista.

**Orientador:** Prof. Dr. Robert Moses Pechman

Rio de Janeiro  
2016